HISTÓRIA DA ARTE:
Da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 7

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Polêmicas Contemporâneas.

UFMS
Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

No Tópico anterior o tema foi Sistema e Circuito de Arte. Neste tópico a questão a ser apresentada é o “efeito” midiático que algumas manifestações artísticas provocam no Sistema e, por conta disso, como se tornam conhecidas ou reconhecidas.

Um artista, ao ser Conhecido não garante o Reconhecimento por parte do Sistema. Há várias questões a serem consideradas para que isto ocorra.

Dentre elas pode-se dizer que a *Vigência* de suas manifestações na sua época e lugar é um dos fatores para o Reconhecimento. As qualidades estéticas, técnicas ou conceituais também podem ser consideradas fatores de Reconhecimento de acordo com sua cultura e sua época. Outros fatores como originalidade, identidade, personalidade também podem contribuir para isto.

Contemporaneamente o fator Midiático, ou seja, exposição ou presença nas mídias de comunicação social, interferem na apreciação e até mesmo no julgamento e valoração de algumas obras e artistas. Isto não quer dizer que os estudiosos, concordem ou não, só quer dizer que algumas obras tem mais visibilidade e aceitação do que outras que são invisíveis, por isso, não chegam a ser consideradas como tais.

Portanto o tema deste tópico será então as polêmicas provocadas ou produzidas no contexto de mediatização que tomam como objeto de valor ou vítima algumas obras, artistas ou ambos.

Lembro que temas como este são tratados isoladamente na Revista Reflexões sobre Arte Visual, publicados quinzenalmente no site como material de apoio pedagógico.

Na atualidade há uma espécie de fenômeno recorrente no Sistema de Arte, especialmente no mercado, que é a supervalorização de algumas Obras de Arte em detrimento de outras.

Normalmente o mercado secundário, especialmente as grandes casas de leilões como a Christie´s de NY e a Sotheby´s de Londres promovem vendas com valores extremamente elevados destinados a compradores de altíssimo poder aquisitivo, inflando e inflacionando o mercado por meio da especulação.

É comum a divulgação de obras que são arrematadas por valores muito altos e que, nem sempre, são compatíveis com o mercado primário.

Vale considerar este fenômeno como distinto no Sistema de Arte na medida em que esses valores não são praticados pelos artistas ou pelas galerias ou marchands que os representam, mas sim por colecionadores, investidores ou especuladores que usam tais obras para ancorar seu patrimônio.

Fatos desse tipo motivam a mídia a fazer deles foco de notícias, em geral sensacionalistas, criando mais dúvidas do que esclarecimentos sobre a Arte atual.

Esse descompasso evidente entre os valores do mercado primário e os arrecadados nesses leilões, colocam em cheque a validades ou validação das Obras de Arte.

Para o público, amparado somente no senso comum, tais ocorrências criam uma aura de desconfiança na medida em que tais valores parecem falsos e fora da realidade como, de fato, são.

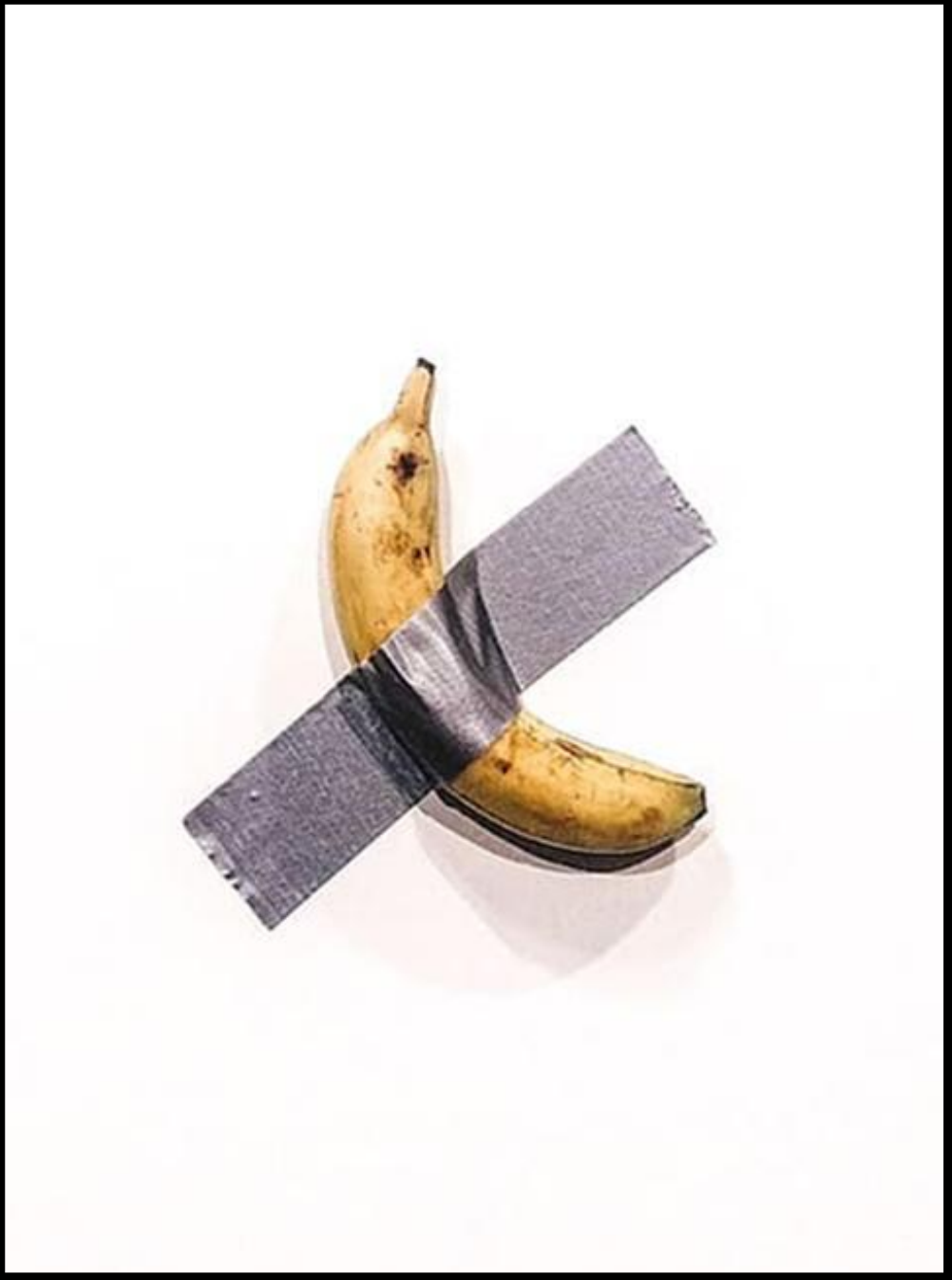
Ao contrário de reforçar o valor cultural e social da Arte, provocam o efeito contrário: uma grande desconfiança. Isso não esclarece nem educa, só confunde.

“O Caso da Banana Cattelana”.

Circulou na mídia, em 2019, que uma Banana (de verdade) foi vendida por por U$120.000,00 só porque havia sido transformada em Obra de Arte. Normalmente é esse tipo de informação que circula nas mídias de informação sobre manifestações artísticas. O que mobiliza a atenção são os altos valores que certas obras atingem, por conta do estranhamento e das críticas jocosas feitas para satirizar ou denegrir atitudes como essa, mas nunca para informar ou esclarecer.

Assim, estudiosos, apreciadores, artistas, professores e educadores são, queira ou não, convocados para um diálogo, ou melhor, um monólogo onde se fala para ouvidos moucos... Outro aspecto que contribui para isto é a dificuldade que as disciplinas nos cursos regulares de Arte tem para atualizar ou debater as ocorrências contemporâneas no momento em que surgem. Neste sentido docentes e discentes devem ficar atentospara isto abrir discussões sobre tais fatos, tão logo surjam.

Maurizio Cattelan, artista contemporâneo, apresentou duas Obras de Arte na última edição da Art Basel Miami, em 2019. Uma vendida por U$ 120.000,00 que, em nosso pobre dinheiro correspondia, aproximadamente, a R$500.000,00 e outras duas por U$ 150.000,00 cada. A obra, sugestivamente intitulada de “O *Comediante*", foi apresentada pela galeria Perrotin, de Paris, que representa o artista. Segundo o proprietário da galeria, as três edições da obra foram vendidas.



Cada uma delas é constituída de: Uma Banana, (ao que me parece Nanica), fixada na parede com uma faixa de fita adesiva prata (Silver Tape).

Esta Obra é uma montagem, normalmente este tipo de intervenção é chamado de Instalação. Como já dito, uma Instalação é uma ocupação espacial interativa na qual obra e público entram em diálogo.

Pode-se dizer que a “interatividade” foi intensa já que durante a exposição da 30ª. Miami Basel, em dezembro de 2019 teve 81.000 visitantes e a obra de Cattelan foi a mais visitada e viralizada. Muitas pessoas a visitavam para fazer *selfies* diante dela por conta da “polêmica” difundida pela mídia questionando se: uma banana pode custar mais do que ouro?

Enfim, polêmica posta cabe aos estudiosos explicarem...

A primeira questão que entra em cena é:
Banana pode ser Arte?
Se a resposta for afirmativa, pode-se dizer que abacate também pode, assim como laranja, abacaxi, mamão, maçã, pera, mexerica e tantas outras frutas que existem no mundo vegetal, imaginem o potencial de uma melancia ou uma jaca...

Ao contrário, se a resposta for negativa, estamos diante de uma banalidade, algo sem valor, e pior, diante da banalização da Arte.

Só para lembrar, banalidade não é um termo que vem de banana, mas sim do pagamento de taxas devidas pelos Vassalos aos senhores Feudais pelo uso de bens e ferramentas. Como eram taxas corriqueiras se tornaram sinônimos de coisas comuns.
Enfim, como ler tal proposição?
Qual é a questão desta polêmica a Arte ou a Banana?

Durante a mostra: Um revés na cena, David Datuna, artista performático, fez da obra de Cattelan um “lanche” e disse não ter se arrependido de ter comido uma banana de 120 mil dólares...
O feitiço contra o feiticeiro?

Performance ou Vandalismo? Uma polêmica sobre outra. Segundo o artista foi uma Performance, intitulada: "*Artista com fome*!" A galeria não o processou nem criou qualquer problema, apenas substituiu a banana.

Para compreender melhor essa manifestação é necessário entender os procedimentos estéticos contemporâneos, caso contrário, ficamos só na especulação ou na espetacularização promovida pela mídia.

Embora seja uma obra que lida com a ironia e o humor, não deve ser entendida apenas como uma comédia, mesmo que *Cattelan* a tenha intitulado de *"Comediante"*, é necessário ir além disso.

Nesse caso a obra e o artista não podem ser considerados separadamente.

Afinal, quem é Maurizio Cattelan?

Maurizio Cattelan nasceu em 21 de setembro de 1960 em Pádua, se tornou artista por iniciativa própria (autodidata).
Suas obras sempre tocaram no humor e seu trabalho passou a ser reconhecido por isso.
"Irreverente“, “Maluco“, "Brilhante“, "Um blefe“, o “Bobo da Corte”, qualquer uma dessas palavras servem para qualifica-lo, ou desqualifica-lo, depende de quem as usa.

Sua primeira mostra foi em 1989, na Galeria Neon, em Bolonha. A sala destinada à apresentação de seus trabalhos permaneceu fechada durante todo o período da mostra com um cartaz na porta: “Volto Já”.
E o artista não voltou...
Mas a curiosidade se instaurou e ai nasceu Cattelan. Em finais dos anos 1900 e nos anos 2000 Cattelan realizou obras que se tornaram fenômenos econômicos e da mídia.

Maurizio Cattelan, "La Nona Ora", 2016, Papa João Paulo II atingido por um meteorito.

Maurizio Cattelan, “Him”, Adolf Hitler de joelhos num ato de pedir perdão.

Maurizio Cattelan, “Cinco Cavalos”, 2007.

Maurizio Catellan, "*L.O.V.E.*" (acrônimo de liberdade, ódio, vingança e eternidade), 2010. Escultura exposta defronte a bolsa de valores de Milão

Maurizio Cattelan, saindo do solo, apresentada em 2001, Museu Boymans-van Beuningen, em Roterdã, vendida posteriormente por U$8.000.000,00

Esta obra foi realizada em ouro de 18k. em 2016 por Cattelan e batizada de “América”.
Foi exposta/instalada pela primeira vez no Museu Guggenheim Em New York. Foi instalada de fato pois foi colocada para uso do público num sanitário para ser usada para o fim para o qual foi feita.

Foi exposta pela segunda vez no Palácio de Blenheim, de onde foi roubada. O roubo ocorreu dois dias após a abertura da mostra, alagando o espaço expositivo, já que, como na primeira vez, estava disponível para uso. Até hoje, a obra ou os autores do roubo foram encontrados.

Maurizio Cattelan La Rivoluzione siamo noi (a revolução somos nós), 2000. Resina de Polyester, cera, pigmentos, terno de feltro, e estante de metal.

Adobe Stock
#157022553

Bem, conhecendo um pouco melhor o autor é mais fácil entender sua obra.
Seus trabalhos beiram a sátira e a crítica ao sistema de Arte ou social. O mais irônico é que ele depende e vive de ambos. Sem eles, Cattelan, seria como qualquer um de nós: um reles desconhecido... Pode-se dizer que ele faz parte desse fenômeno da Arte Contemporânea no qual a popularidade se dá pela personalidade do artista, o inusitado de sua obra criado, quase que exclusivamente, pela invenção, midiatização e excessiva monetização, fazendo com que certas Obras atinjam valores exagerados.

Cabe ressaltar também que as obras atuais não são apenas as “coisas” ou os “objetos” em si, mas incorporam o conceito de Objeto do Direito, sobre a qual o direito de Propriedade, de Exposição concedido pelo autor ao adquirente por meio de um certificado ou contrato dá-lhe o poder de dispor e expor e, em alguns casos, como o da banana, o direito de Replicar a obra, já que a banana como coisa é perecível. É nisso que se constitui a “propriedade” dessas manifestações e não só o objeto ou a banana, mas o documento que ampara a propriedade conceitual do projeto expositivo e instalação.

As grande casas de leilões, grandes galerias e marchands fazem com que as obras atinjam valores altíssimos criando uma espécie de “Bolha” conceitual da qual apenas alguns eleitos podem participar, sejam artistas, pessoas afortunadas, empresários ou negociantes. Esse é o fenômeno que manipula a Arte atual.

Tal fenômeno se manifesta midiaticamente: basta ver o *“efeito Cattalan”*. Como disse, a exposição em Miami durou praticamente uma semana, com mais de 80.000 visitantes e o que mais chamou a atenção foi uma banana de 120 mil dólares, embora a mostra contivesse outros trabalhos tão bons ou relevantes que mereciam, no mínimo, serem citados.

Os artistas atuais revelam qualidades e competências que, nem sempre, foram típicas do contexto artístico, mas correspondem às características individuais e compatíveis com a produção artística atual, muitas vezes, realizada por meio do auto-empreendimento e auto-promoção, típicas das estratégias de marketing. Nesse caso pode-se enumerar algumas delas para melhor entender tais proposições:

Outro caso semelhante ocorreu com um leilão na Sotheby´s de Londres, uma das casas leiloeiras mais famosas e prestigiadas da atualidade.

Normalmente tais leilões são realizados a partir de bens de propriedade de pessoas, espólios, empresas e famílias que querem vender seus bens e, normalmente, esperam que alcancem mais do que, de fato, valem. Este foi o caso da:

“Obra semi-destruída de Banksy”.

No dia 12 de outubro de 2018, uma obra do “grafiteiro” Banksy: *Menina com Balão*, foi arrematada, anonimamente, por um milhão de Libras (aproximadamente cinco milhões de reais) na Sotheby´s de Londres. Ao bater o martelo para firmar a compra no leilão a obra exposta começa a deslizar para fora da tela completamente fragmentada.

O autor da proeza, segundo a mídia, foi também Banksy, anonimamente presente na sala do leilão munido de um controle remoto que acionava uma fragmentadora embutida na moldura do trabalho com o fim de destruir totalmente a obra naquele momento (como mostra a imagem ao lado), contudo uma falha do sistema impediu a fragmentação completa, deixando-a parcialmente mutilada. Mesmo assim a aquisição foi concretizada pois o comprador honrou o lance.

Afinal, quem é Banksy?

Não se sabe ao certo quem é a pessoa por trás da personalidade ou alterego de Banksy.

É justamente essa aura de dúvida e anonimato que anima a presença desse autor na Arte contemporânea.

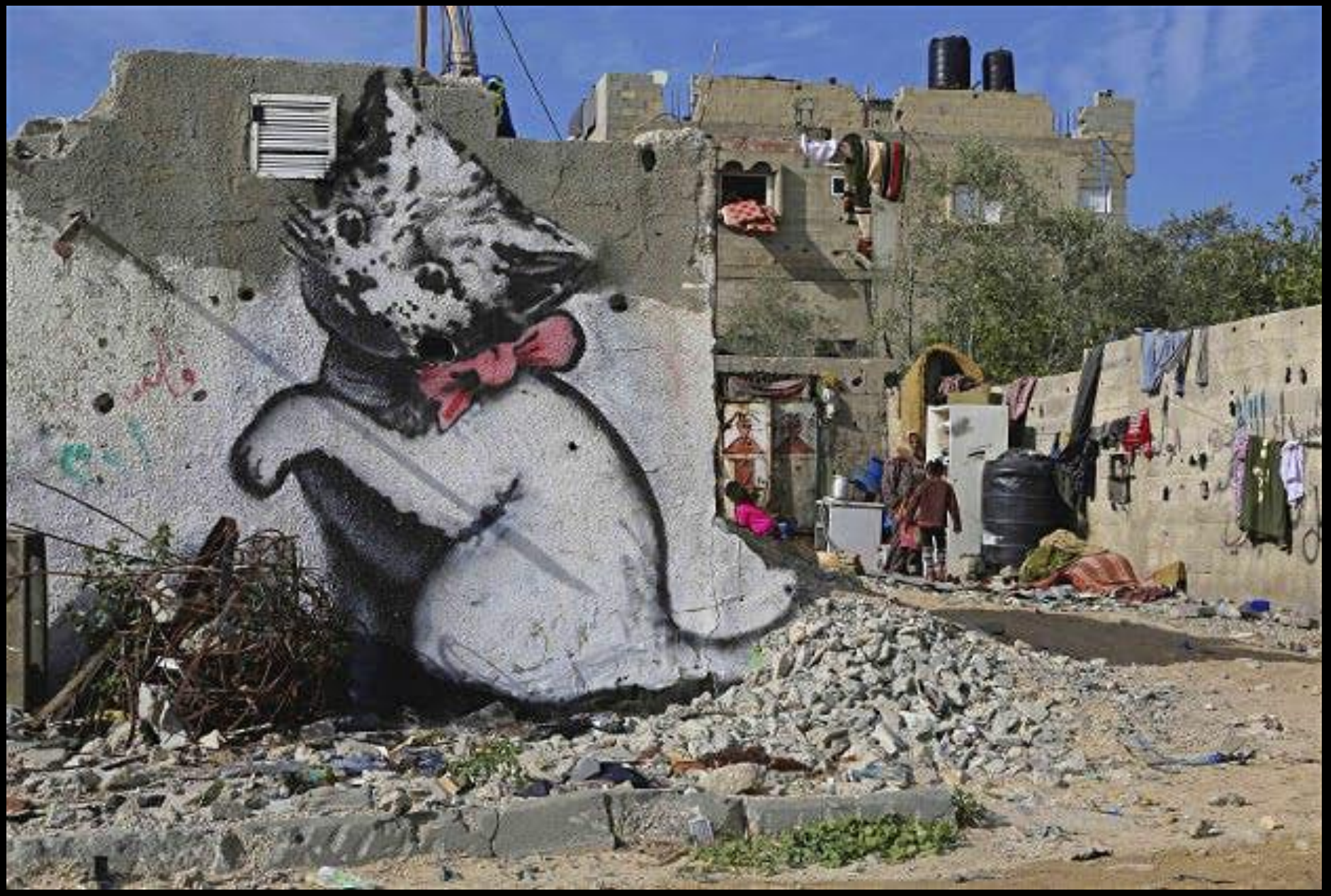
O jornalista Craig Williams o rastreou por cinco meses e disse ter descoberto que Robert Del Naja (aka 3D), do Massive Attack, é Banksy, ou melhor, o líder de um grupo de artistas de rua.

Banksy é um dos artistas que vivem o fenômeno dos pichadores ou grafiteiros que foram elevados ao status de artistas, independente de uma produção marginal ou periférica, ao contexto da Arte erudita e consagrados, inclusive, pelo mercado. Banksy estimulou, até mesmo, especuladores a pagarem valores exorbitantes para retirarem muros e tapumes onde suas obras foram instauradas.

Grafite mural de Banksy, pintado em 2010 e resgatado da destruição entre as ruínas da Packard Plant e vendida por Julien's Auctions em Beverly Hills, Califórnia, por 137.500 dólares.

A obra Season's Greetings em Port Talbot de Banksy deve fazer parte de um museu internacional de arte de rua. O museu, chamado SAM (Street Art Museum), será o primeiro do gênero no Reino Unido.

Andrew Scott Ltd, de Baglan, é a empresa que John Brandler, que comprou a obra de arte, para realoca-la em sua nova casa.



Um mural de um gatinho brincalhão, pintado pelo grafiteiro britânico Banksy, numa parede danificada na guerra Israel-Hamas do verão passado, em Beit Hanoun. O publicitário de Banksy Jo Brooks confirmou que ele visitou Gaza, chegando lá através de um túnel.

“Haight Street Rat”, 2010, em S. Francisco, California, EEUU. Retirada da parede em que foi pintada e colocada em exposição.

Banksy, embora seja um pseudônimo, supõe-se ter nascido em 1974 em Bristol, Inglaterra e é um artista pintor, grafiteiro, ativista político, diretor de cinema que se dedica ao desenvolvimento de manifestações de rua satíricas e subversivas combinadas com humor negro. Seus trabalhos fazem comentários sociais e políticos. Podem ser encontrados em ruas, muros e pontes por todo o mundo, feitos, em geral, com técnica de estêncil.

Muitos de seus trabalhos foram criados em Bristol e Londres. A Inglaterra considera o grafite como vandalismo, logo, seus trabalhos são ilegais.

Não vende diretamente seus trabalhos mas eles acabam sendo comercializados por meio da extração de seis locais originais. Algumas obras entram no mercado por meio de estratégias de lançamento não convencionais como reproduções e replicações.

Como cineasta, seu primeiro filme, ‘Exit Through the Gift Shop’, foi lançado no Festival de Filmes de Sundance e na Inglaterra em 2010, no ano subsequente, indicado para o Oscar de Melhor documentário.

O próximo caso se refere ao Coelho de Jeff Koons pelo alto valor alcançado por uma obra de artista vivo.

É comum que as obras de um artista aumentem de valor depois de sua morte, já que a produção está definitivamente encerrada, neste caso a questão de “oferta e procura” passa a valer: quanto menos produto, mais valor...

O tema então é:

“O Caso do Coelho Milionário”.

O caso: A escultura Rabbit, alcançou o valor de 91 milhões de dólares em leilão da Christie´s, em NY, em maio de 2019. Acendendo ainda mais a polêmica sobre a Arte contemporânea considerada como a obra mais valiosa de artista vivo.

Note-se que esta é uma questão comercial e não estética. O problema é que o mundo capitalista opera assim e não por meio da cultura.

Rabbit foi lançada em 1986 numa edição de três unidades, mais uma prova de artista. Uma está na Broad Foundation, em Los Angeles, e o outro foi prometido ao Museu de Arte Contemporânea de Chicago por seus proprietários, Stefan T. Edlis e H. Gael Neeson e o exemplar do leilão pertencia a Collection of SI Newhouse, que não era trazido a público desde 1988.

Jeff Koons, ao lado de sua obra “Rabbit”, feita em aço, de 1986.

Quem é Jeff Koons?

Koons faz parte da geração de artistas “Pós-Pop” que adotam parte das poéticas da Pop Art e as elevam a um estágio de difusão massiva e eficiente transformando suas produções em fenômenos de mídia e mercado. Uma espécie de super-produtor, um fenômeno no mercado de Arte atual.

Nascido em York, Pensilvânia em janeiro de 1955. Estudou pintura na Escola do Instituto de Arte de Chicago.

Lida com a Pop Art e o Kitsch. Algumas de suas obras: PUPPY; BRANCUSI - coelho de plástico espelhado; OBJETOS DE PORCELANA; ‘MADE IN HEAVEN’; Capa do 3° álbum de estúdio de Lady Gaga: ARTPOP.

Puppy, obra de Jeff Koons no Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha.

Banality. Objetos de Porcelana criados por artesãos, reproduzidos e ampliados.

Popeye

Escultura e Esfera. Bola para Olhar, Dionísio.

Pintura e Esfera, Bola para olhar.

Altdorfer A Batalha de Alexandre em Issus.

Made in Heaven: Jeff e Ilona; Ilona on top.

A série mais polêmica foi *Made em Heaven (1990, exibida na Bienal de Veneza),* na qual contracenava com a atriz pornográfica húngara Ilona Staller, muito popular e conhecida como Cicciolina, com a qual se casou.

Na ocasião a atriz era deputada do parlamento italiano.

O conteúdo erótico, sensual e pornográfico gerou críticas ferrenhas contra tais obras, mas como diz o ditado: *“falem mal, mas falem de mim”...*

Koons foi acusado de ser oportunista e de buscar a fama a qualquer preço.

Independe das acusações e críticas pesadas e destrutivas, manteve seus projetos e conseguiu o reconhecimento que buscava sendo cotado como um dos artistas mais buscados e caros da atualidade.

O próximo caso se refere a um fenômeno da mídia e do mercado de Arte, um Midas, pois tudo o que faz ou toca se torna “ouro”. Na década de 1990 participou ativamente dos Youg Britsh Artists, Jovens Artistas Britânicos e decolou nacional e internacionalmente por influência e apoio do colecionador e negociante de Arte Charles Saatchi.

Então ai está:

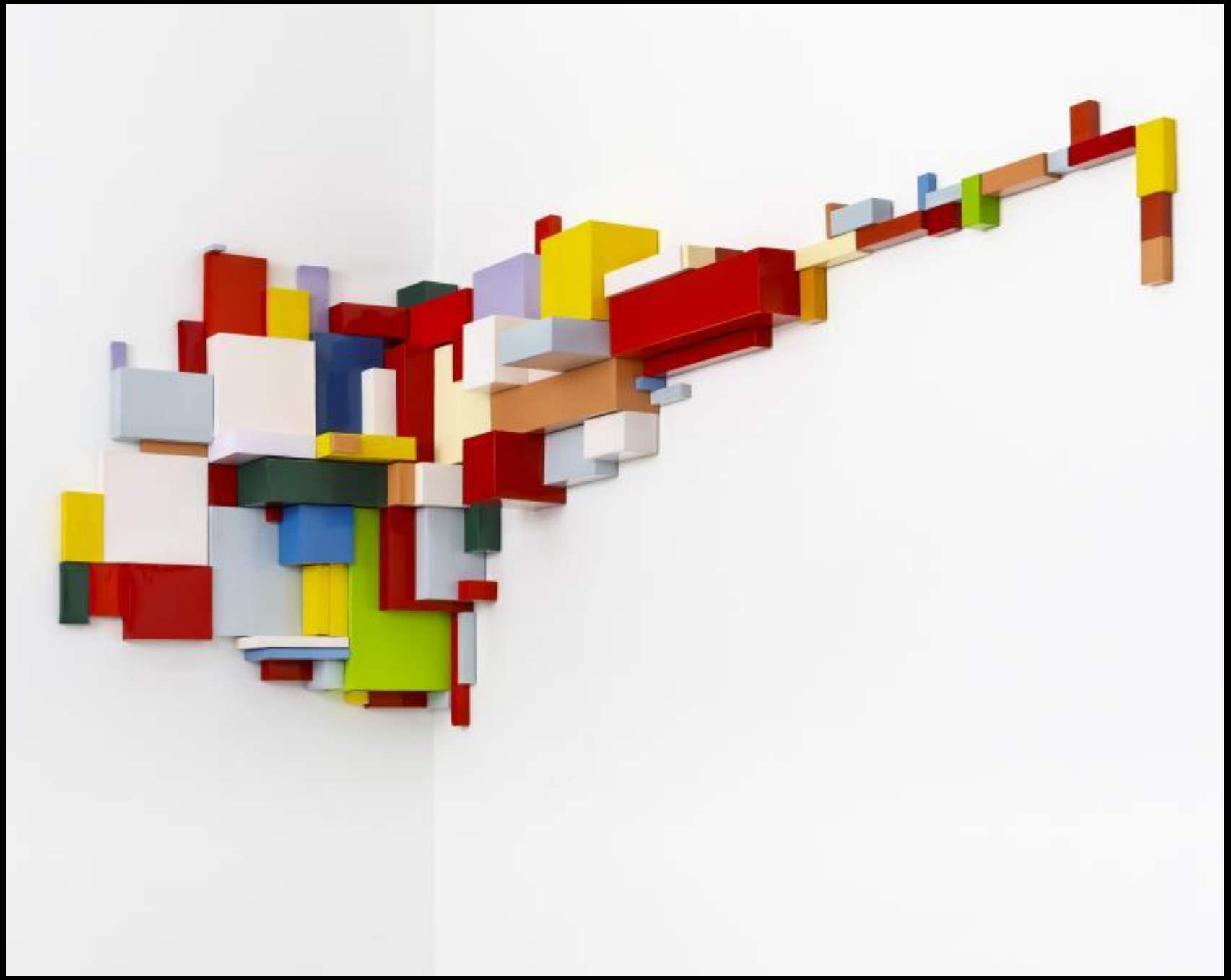
“Damien Hirst, um fenômeno da mídia”.

Hirst é um dos exemplos mais significativos de um novo tipo de artista no mundo contemporâneo, é uma “marca” de prestígio no mercado de arte atual, a comparação que fiz com o rei Midas da lenda, que transformava tudo o que tocava em ouro, parece ser o que faz Hirst na era da mídia e do marketing.

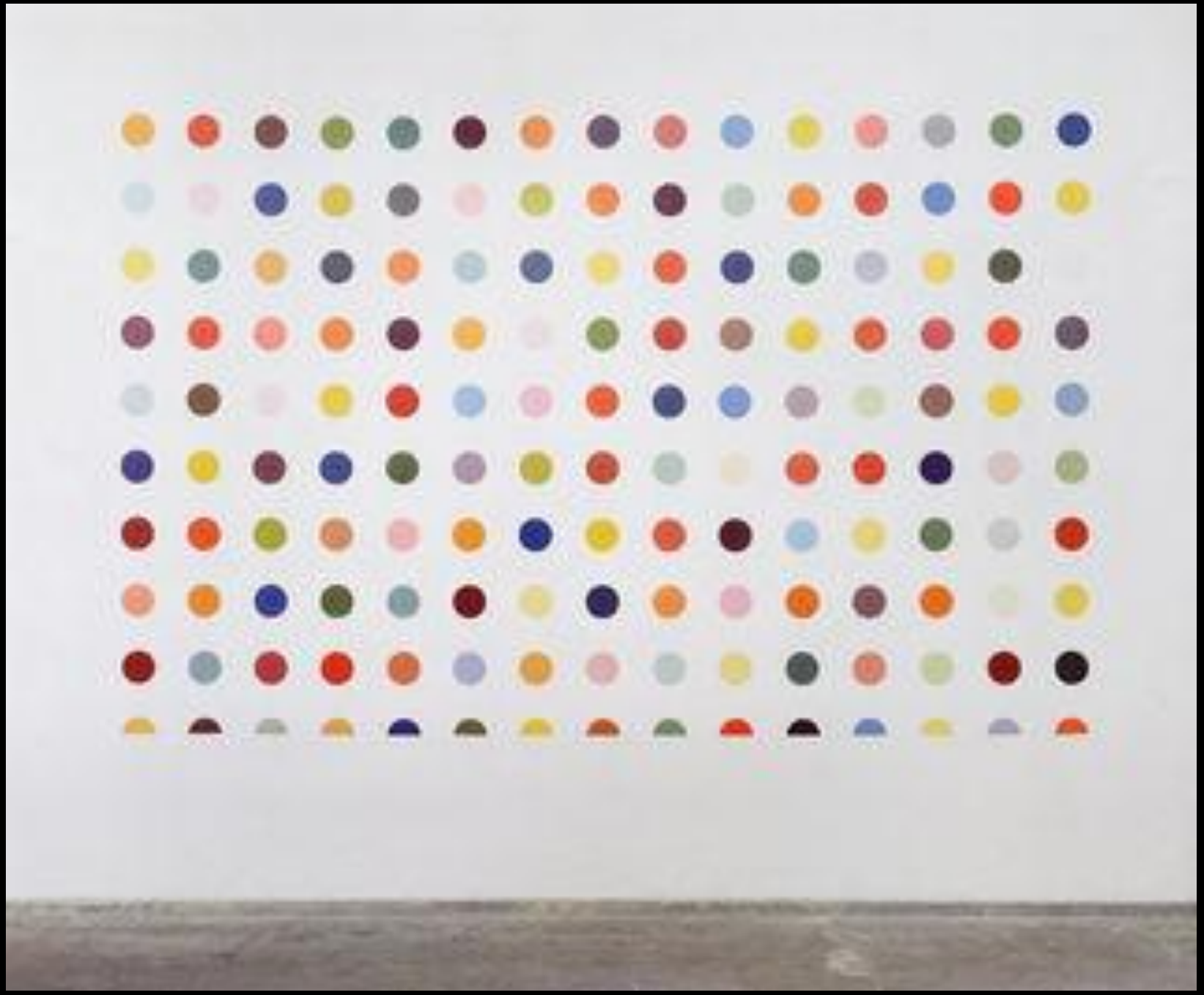
Damien (Hirst) Steven Brennan, Bristol, 7 de junho de 1965. Estudou, de 1986 a 89, na Goldsmiths, University of London, especializada em arte, design, humanidades e ciências sociais.

A primeira exposição de Hirst foi participar de uma coletiva organizada por ele em 1988, batizada de FREEZE. Da qual participaram, também vários artistas, chamados coletivamente de Jovens Artistas Britânicos (YBAs).

Apresentou três obras: Boxes, Row e Edge feitas diretamente nas paredes do galpão.



Hirst,
Boxes,
1988.



Hirst, Row, 1988.

Hirst, Edge, 1988.

Hirst, Siner, Medicine Cabinet, 1988, trabalho de conclusão de curso.

Sua primeira individual é: In and Out of Love, de 1991, instalada em dois ambientes. Um deles continha telas brancas nas quais haviam pupas de borboletas coladas. Ao nascerem, se alimentavam de água com açúcar e das flores dispostas no ambiente, mantendo-se vidas e reproduzindo.

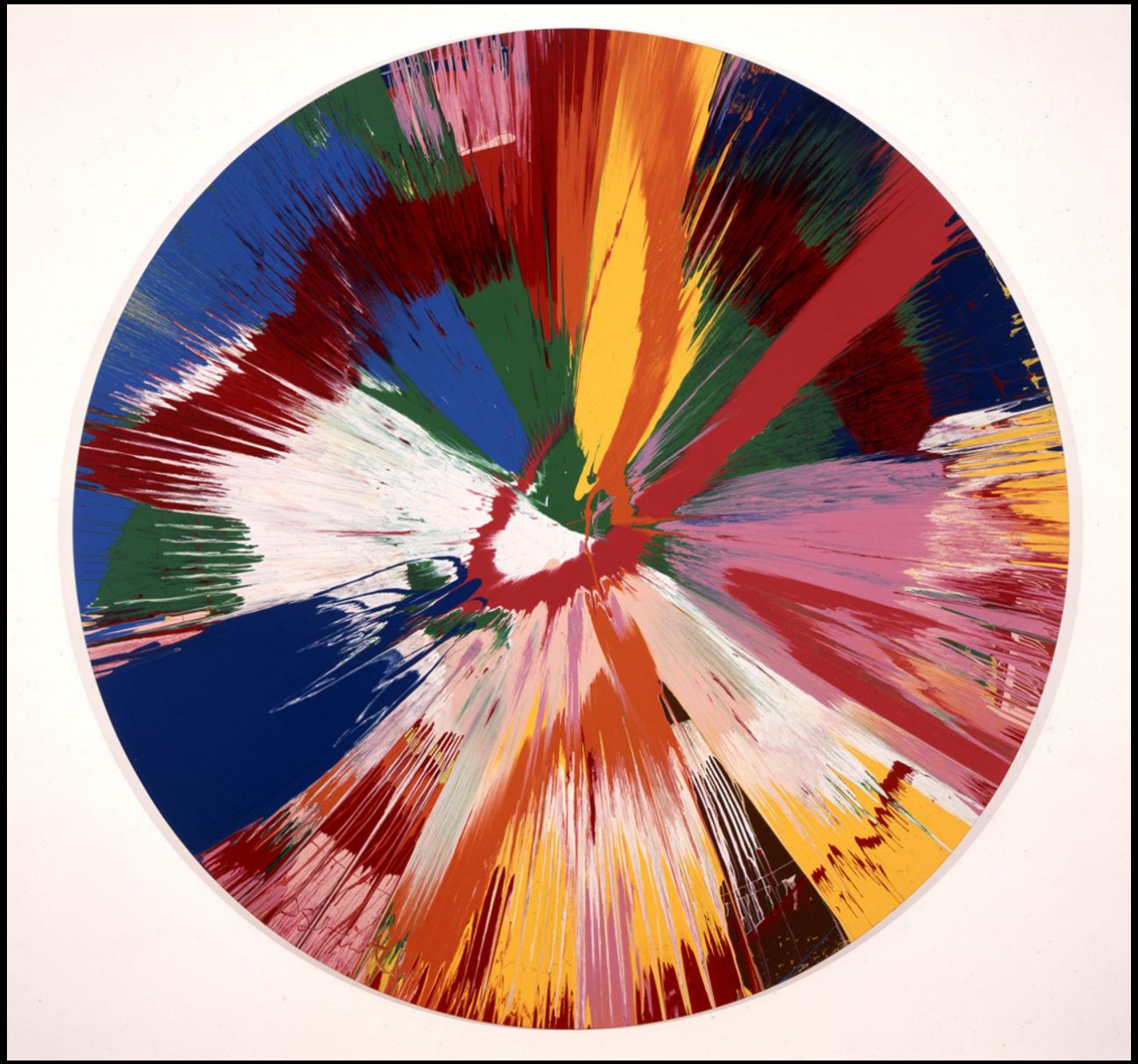
White Paintings e Live Butterflies, 1991.

O segundo ambiente continha telas pintadas fixadas nas paredes nas quais estavam coladas borboletas mortas, no centro da sala, uma mesa com maços de cigarros e cinzeiros cheios. Uma recorrência temática de suas obras é Vida e Morte, impermanência e transitoriedade.

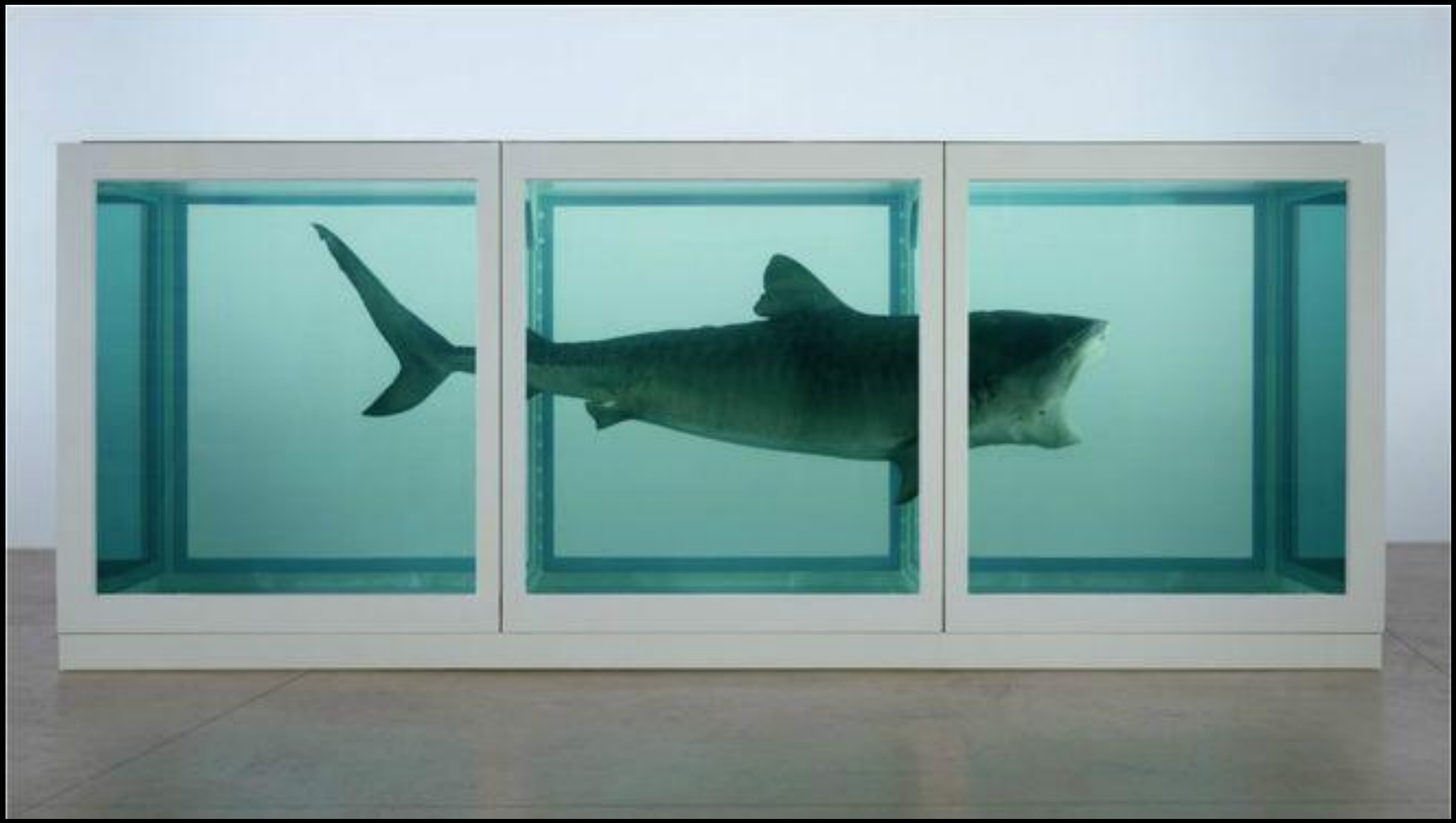
Butterfly Paintings and Ashtrays, 1991.

A Thousand Years, 1990, adquirida por Charles Saatchi, que passa a ser seu marchand a partir de 1991.

Hirst, Mãe e filho divididos, 1993.



Hirst, Beautiful, amore, gasp, eyes going into the top of the head and fluttering painting, Spin Paintings, 1997.



Hirst, 'The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living‘, 'A Impossibilidade Física da Morte na Mente de Alguém Vivo', 1991. Vendida por Saatchi em 2004, para Steven A. Cohen, por 12 milhões de dólares.

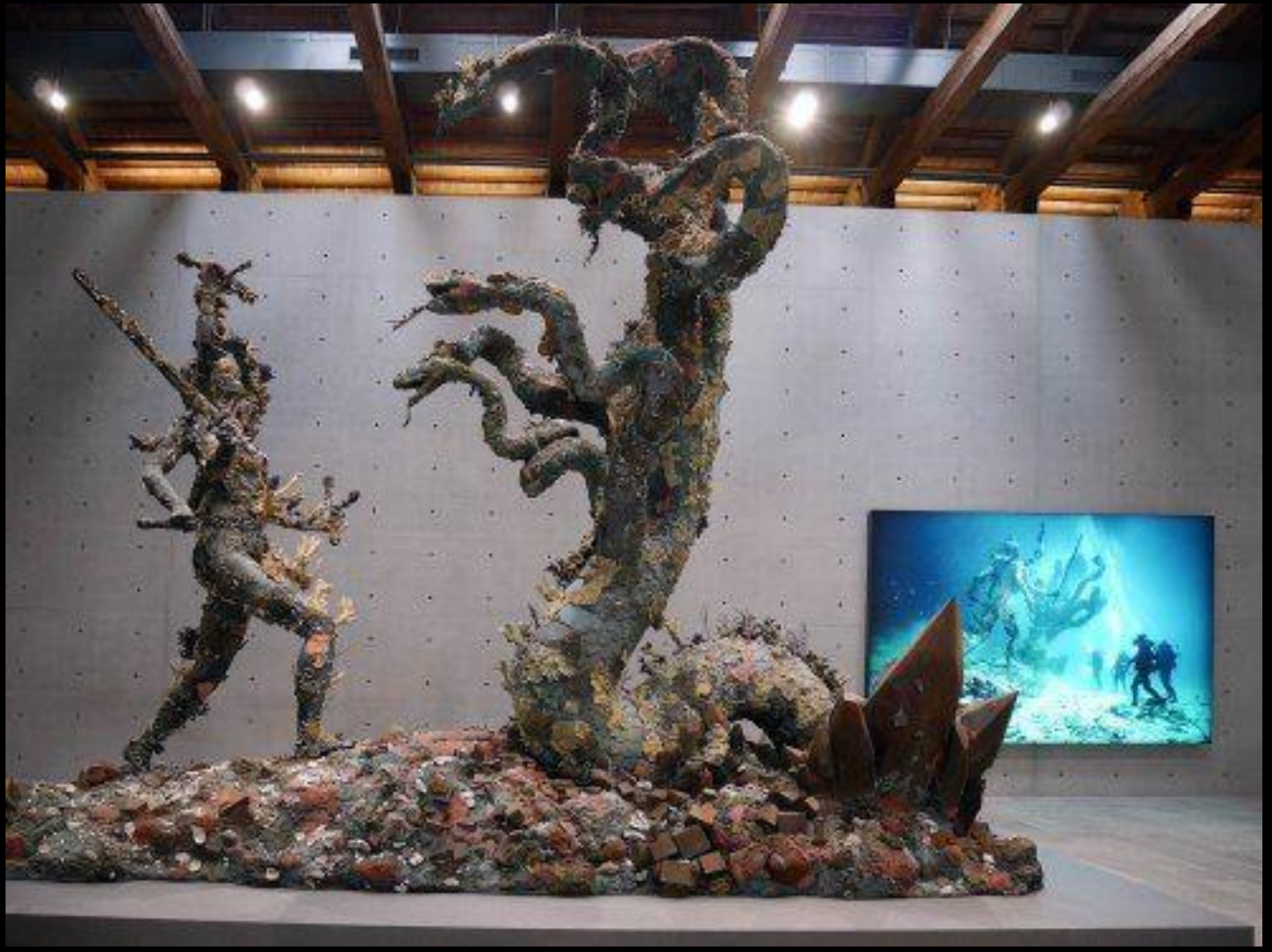
And Then There Were Four: A Famous Musketeer, 2002, Mixed Media, 4 × 10 1/5 × 4 in; 10.2 × 26 × 10.2 cm, Edition of 2000pc. This is part of a limited edition set. **€600**

Hirst, Pelo amor de Deus! 2007.

Crânio humano envolto em camada de platina, cravejado com mais de oito mil diamantes vendido por cem milhões de dólares.

Sua última produção: “Tesouros do Naufrágio do Inacreditável”, cuja exposição foi realizada em 2017, em dois locais: Palazzo Grassi e Punta della Dogana em Veneza.

A exposição mostra obras resgatadas do naufrágio do Navio Epistos ocorrido, segundo a lenda, na costa da África oriental, de propriedade do escravo liberto Amothan II, que viveu entre o I e II a.C. (disponível na NETFLIX)



A mostra alcançou sucesso se tornando uma referência para visitação. Contudo o que estava em curso era uma grande fantasia, ou seja, o tal de naufrágio nunca existiu, tudo fazia parte de uma grande encenação.

A “Lenda” e as obras foram idealizadas e desenvolvidas por Hirste por meio de seus assistentes de sua empresa: Hirst tem sua empresa: Science LTD, um estúdio em Stroud, England, prestadores de serviços especializados, bem como a produção do Filme “documentário” do descobrimento e da pesquisa sobre o naufrágio.

A mostra revelava isto por meio de suas obras: personalidades do mundo pop transformadas em figuras míticas, de uma mitologia criada pelo próprio autor que, numa delas, é representado como o suposto proprietário das obras. Enfim, uma grande fantasia, com investimento milionário e que, segundo a mídia, conseguiu alcançar lucros exorbitantes, especialmente por ter sido uma inciativa do próprio autor, sem intermediação de marchands...

Algumas escultura “encontradas” mostravam corpos muito semelhantes aos da boneca Barbie, num detalhe pode-se ver a marca do fabricante de tais “antiguidades”, a subsidiária chinesa da MATEL, fabricante da Barbie...

Rihanna, Pateta, Mickey, Barbie, e o próprio Hirst, 2017. Obras que fazem parte da Exposição que levou10 anos para ser elaborada e custou em torno de 52 milhões de dólares.

Aqui Hirst “imita” Disney com Mickey, monumento presente na Disneylância substituindo a figura de Walt Disney pela dele.

Bem, acredito que tenha trazido um pouco mais de conhecimento sobre os “efeitos” da mídia contemporânea sobre a Arte atual.

A presença do sistema midiático capitalista interfere no contexto artístico atual, por isto é necessário aprofundar cada vez mais as pesquisas e os estudos neste campo de conhecimento para não perder o foco. Este é um dos objetivos desta disciplina.

Cabe ressaltar que sucesso midiático ou comercial não é uma garantia de valor estético, portanto, baseados nestes parâmetros não correspondem, necessariamente, à qualquer juízo de valor artístico que possa ser usado ou referenciado para enaltecer ou qualificar uma Obra de Arte. Diz apenas que o Sistema e o Circuito de Arte assimilaram tais manifestações e lhes atribuíram vigência sócio cultural.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos

Umberto Eco: Obra aberta

Rosalind Kraus: O campo expandido da escultura

Manifestos em Artes Visuais

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#_=_

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. Qual a influência da mídia de opinião pública na Arte Contemporânea?
2. O que motiva polêmicas em torno de algumas manifestações artísticas atuais?
3. Quais características têm os artistas que se destacam na mídia atual?
4. Valor de mercado é igual valor artístico?
5. A Arte atual é melhor ou pior que no passado, porquê?